



Futebol Fora do Eixo

**Uma história comparada entre o futebol de
Porto Alegre e Salvador
(1889 - 1912)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História Comparada do
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Autor:

Ricardo Pinto dos Santos

Orientador:

Professor Dr. Victor Andrade de Melo

Rio de Janeiro

2014

O MORRO NÃO TEM VEZ

**O morro não tem vez
E o que ele fez já foi demais
Mas olhem bem vocês
Quando derem vez ao morro
Toda a cidade vai cantar**

.... ..

**Abram alas pro morro
Tamborim vai falar
É 1, é 2, é 3, é 100
É 100 a batucar
O morro não tem vez
Mas se derem vez ao morro
O mundo inteiro vai cantar
Vai cantar, vai cantar**

Tom Jobim / Vinicius de Moraes

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	1
<i>O racismo</i>	26
<i>O contexto do racismo</i>	30
<i>A modernidade</i>	40
<i>Entendendo a modernidade</i>	44
<i>O futebol não é só um jogo</i>	57
<i>Capítulo I – Futebol e a Questão Negra</i>	61
<i>Condenados ao esquecimento: o futebol e suas tramas</i>	61
<i>Bem mais do que herdeiros da casa grande e da senzala</i>	10
	8
<i>Capítulo II – Modernidade</i>	13
	0
<i>A construção das novas cidades e os clubes de futebol</i>	13
	0
<i>O negro nas cidades: quando a modernidade encontra o preto</i>	15
	8
<i>Conclusão</i>	17
	3
<i>Referências</i>	18
	1
<i>Anexo: Fontes primárias – periódicos pesquisados</i>	18
	9

1. O Futebol e a questão negra

Bem mais do que herdeiros da casa grande e da senzala

Durante muitos anos, mais de três séculos, o sistema escravista manteve o Brasil funcionando. Foi a custos da vida e da exploração de milhões de negros que o país caminhou para o seu desenvolvimento. Num rápido raio-x dos estados brasileiros fica visível que em todo território, guardadas as suas especificidades, houve uma forte exploração da população negra por parte das elites, fossem essas rurais ou urbanas.

Esse olhar um tanto monolítico pode homogeneizar a complexa situação da comunidade negra no país que, desde o século XIX, já formava um grande mosaico social em que estavam expressas diversas origens, culturas e experiências. Em alguns estados, por exemplo, a população livre dos homens de cor superava a dos escravos. Dentro do próprio sistema escravista havia distinções significativas que, ao fim e ao cabo, poderiam definir a posição do negro na sociedade e, fundamentalmente, a sua perspectiva de mudança social.

A população de cor era completamente dividida e, nesse sentido, é impossível conseguir traçar todas as experiências possíveis de um grupo tão grande, dinâmico e complexo. A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha dividiu a população de cor em nove categorias básicas (2012, p.38). Com elas, a autora conseguiu conceber um panorama geral sobre a população de cor no Brasil e, mesmo não tendo encerrado as possibilidades, tornou possível compreender melhor algumas das tramas sociais em que esse grupo esteve envolvido.

Em alguns casos conseguimos verificar contendas dentro do próprio grupo. Henry Koster, em 1816, “menciona que os africanos eram desprezados pelos negros

crioulos, que não sentiam com estes nenhuma identidade de origem” (CUNHA, 2012, p. 39). Noutros casos conseguimos descobrir um alto grau de solidariedade que, mesmo diante de um cenário violento e discriminatório, conseguiram ajudar membros de um mesmo grupo étnico. As irmandades religiosas, apesar de compartimentadas, de negros e pardos foram importantes nesse aspecto. Mas, foi somente nas últimas três décadas do século XIX que conseguimos visualizar uma aproximação mais sistemática para tratar de um tema comum a toda comunidade negra, a escravidão.

Mesmo com a essa sistematização a condição dos homens de cor continuou temerária. Afinal, tudo, ou quase tudo, lhes era tolhido no seu processo de inserção social, especialmente pelo papel decisivo que a cor da pele ainda representava para a sociedade. A negociação e o conflito fizeram parte das relações entre a *Casa Grande* e a *Senzala*, no entanto, quando haviam ganhos, comumente, eles não chegavam a todos da mesma forma, tampouco gerava uma mudança substancial no status e na representação social do negro perante a sociedade. Enfim, no final das contas, eles continuavam “seres inferiores” na perspectiva das elites brancas.

Os acontecimentos oitocentistas construíram as bases da República brasileira e, naquele momento, poucas foram às vozes que se levantaram contra a escravidão. Naquele tempo, para a grande maioria da população, o sistema escravocrata era necessário e, ao fim e ao cabo, não havia nada de errado em sua essência. Afinal, foi com a exploração e com a manutenção do sistema escravista por tanto tempo que a elite brasileira deu os seus primeiros passos.

Nesse contexto, concluímos que a chegada da República acabou repousando suas bases numa formação social completamente hierarquizada. Especificamente neste aspecto, podemos dizer que não houve uma mudança substancial nas representações e relações sociais que se constituíram a partir do novo tempo político. As marcas

hierarquizantes entre brancos e negros continuaram válidas e, acima de tudo, conseguiram barrar os homens de cor, mesmo livres, da nova imagem de nação que se buscava.

Não era possível, mesmo sob o novo regime político, pensar o Brasil, ou melhor, a imagem que se construía dele, com a presença de negros e mulatos. A imagem que se desejava para um país moderno e civilizado não comportava as experiências destes homens que acabaram de “sair” do seu estado de atraso e incivilidade. Ainda que desde meados do século XIX os números de negros e mulatos livres viessem em uma ascendente significativa, a cor da pele continuava sendo um fator determinante para algumas esferas da sociedade. Assim, mesmo que passasse a existir certa dificuldade em distinguir o negro livre do escravo, usando somente a cor da pele como artifício, em ambos os casos, não lhes foram atribuído valores positivos que desprezassem o aspecto da cor, independente do seu status social.

A sociedade continuava marcada, em larga escala, por relações pessoais entre membros de um mesmo grupo social. Assim, os melhores lugares continuavam sendo ocupados pelas elites brancas que se cercavam de todo modo para manter a permanência do seu *status quo*. O esforço, para negros, nesse sentido, era demasiadamente grande para se inserirem efetivamente na ordem social, ainda que os ganhos pudessem significar mudanças bem limitadas.

Vale lembrar que ainda no império “o conceito de escravo, comum a estas sociedades, pressupõe, pelo menos na origem, uma espécie de morte social, um rompimento violento de todas as relações definidoras de inserção e personalidade social do individuo capturado ou reduzido à escravidão” (MATTOS, 1998, p.144). Em seguida, livres, não é possível imaginar que a mudança seria tão expressiva ao ponto de que pudéssemos chamá-los, ou considerá-los, cidadãos plenos.

A princípio, estas argumentações podem parecer encerrar o debate acerca da origem dos grandes males que cercavam a população negra no Brasil. No entanto, apesar de acreditarmos que o passado seja fundamental para a compreensão do grande painel em que está inserida a experiência negra, não podemos delegar ao passado toda essa responsabilidade.

Todas as ações discriminatórias, excludentes e hierarquizantes que sucederam a abolição são, também, escolhas do seu tempo. Acreditar que os grupos dirigentes e as elites em geral, grupos que de certa forma convergem por seus interesses sociais e econômicos, agiram somente levando em conta as suas experiências com o passado tende a renunciar a autonomia destes mesmos grupos em fazerem escolhas que pudessem levar a outros caminhos. Ou seja, aqueles que escolheram excluir e estigmatizar o fizeram, principalmente, por desejar manter a estrutura que há muito tempo os privilegiavam. Nesse sentido, temos que compreender o processo não somente como herança do passado, mas, sobretudo, como ações esclarecidas do presente.

O fim do cativo gerou, para além da liberdade, uma grande reestruturação nas relações sociais e de poder. No entanto, várias foram às tentativas de manter a liberdade dos homens de cor sobre a tutela dos seus antigos senhores. No fundo, houve um intenso esforço em conservar o controle sobre os negros por parte da elite branca. A ideia de que os negros tinham conquistado a cidadania com o fim da escravidão se mostrou rapidamente uma grande falácia, ou no mínimo assaz limitada.¹

As agressões que antes eram direcionadas objetivamente aos escravos e fugitivos, naquele momento sofrem uma releitura e passam a atingir, agora

¹ No meados do século XIX, bem antes da abolição, já havia um grande número de alforrias. Estas ocorriam, basicamente, de duas maneiras: com a concessão por parte do dono do escravo ou com a compra feita pelo próprio escravo ou com ajuda de grupos/parentes próximos. Kátia Matoso (1979) diz que as alforrias gratuitas superaram as compradas em Salvador. No entanto, o que pode parecer um alto grau de benevolência aponta para um aspecto particular desse sistema. A liberdade gratuita, em larga escala, significou uma escravidão noutros moldes. O grau de dependência era mantido e, acima de tudo, a liberdade total estaria circunscrita a uma espécie de consórcio que deveria ser pago pelo escravo. Enfim, o processo de dominação continuava.

dissimuladamente, os negros livres. A reprovação e a punição a vadiagem, por exemplo, passou a ser um dos panos de fundo para a elite branca chegar ao negro e colocá-lo no seu devido lugar. Os “vadios” se confundiam com os libertos e, assim, a repressão continuava tendo o mesmo alvo.

Salvador e Porto Alegre, assim como o Rio de Janeiro e São Paulo, construíram uma cidadania republicana essencialmente excludente que forjou representações e designações sociais que indicou um “outro” que não seria capaz de compartilhar dos aspectos simbólicos e reais do novo tempo. A herança da escravidão, bem como a necessidade de manter intactas as estruturas de poder e as suas bases de sustentação para aquele tempo foram decisivas para constituição das “novas” cidades e, principalmente, das novas, algumas vezes nem tão novas assim, relações pessoais. Um “outro inconveniente” (negro) continuava existindo e acabou sendo essencial para a construção do “eu” (branco) como modelo.

Em todas as duas cidades pesquisadas há uma clara hierarquização e classificação entre os indivíduos. O cenário esportivo, em especial o futebol, se constituiu como sendo um bom lugar para visualizarmos essas diferenças. Sandra Pesavento diz que “Tais formas de classificação, que instauram a percepção da diferença e a legitimam, são fruto de múltiplos fatores, que vão desde a biologia à estratificação social, mas que se efetivam no domínio do simbólico, que sacramenta os significados, funções, papéis e valores” (PESAVENTO, 2001, p.8). Com essa percepção podemos sugerir que a cidadania foi construída instituindo o seu contraditório, ou seja, para a construção do modelo era necessária a edificação do anti-modelo.

A imprensa, dominada pelas elites brancas, teve um papel central neste propósito. Pois, em grande parte, o que se publica nos periódicos não precisava fazer

correspondência exata com a realidade, mas sim, deveria está de acordo com os interesses dos grupos que dirigiam as cidades.

Os discursos construídos assumem uma aparência de verdade e, portadoras de uma enorme eficácia, acabaram criando critérios de sociabilidade, percepções de certo e errado e, num olhar mais abrangente, criaram a representação geral do que seria a nova cidade e os seus novos e convenientes hábitos. Sobre isso, Pesavento diz que “os homens são capazes de viver no mundo da representação, porque esse realiza no plano do simbólico, onde se opera a magia dos significados” (2001, p9).

Basicamente, as estruturas sociais das duas cidades se definiram a partir da distinção entre brancos e negros. A diferença entre esses dois grupos é um dado decisivo para a compreensão do cenário social e, da mesma forma, do quadro geral das classificações que acabam marcando os sentidos destas diferenças. Identidade e alteridade foram forjadas com a intenção de manter o sistema de inclusão e exclusão bem definidos e operando a pleno vapor, também no cenário esportivo.

Assim, se torna complicado para a população de cor pensar no significado real de se tornar livre, igual e cidadão diante de uma cidade que lhes excluía e, igualmente, não lhes dava condições e prerrogativas para acessar plenamente os novos valores, reais e simbólicos, do seu tempo. A construção do “eu” pressupõe a existência do “outro”, nesse processo, de acordo com o que conseguimos verificar nas cidades, brancos e negros se tornaram as maiores expressões de modelo e anti-modelo possíveis nos espaços urbanos.

Aliás, deve ficar claro que as cidades não estavam divididas somente entre brancos e negros e que a alteridade não se encerrava apenas nessas duas categorias. Os imigrantes, das mais diversas origens, também estavam inseridos no processo de identidade e alteridade. Com isso, podemos concluir que nem sempre o “*outro*”

representava aspectos negativos ou eram rejeitados *a priori*. Eles poderiam ser tornar também um “objeto de desejo”, um perfil ou uma condição a ser alcançada, bem como se tornarem referências para as transformações.

O reconhecimento de que nem toda alteridade é negativa é fundamental para conseguirmos visualizar a intencionalidade do discurso contra o negro. Nessa alteridade, especificamente, o “*outro*” é rejeitado, estigmatizado e se possível excluídos totalmente dos cenários que interessavam aos grupos dirigentes. Por isso, não pode ser possível acreditarmos numa condição natural de inferioridade do negro em relação ao branco. Tais questões devem ser entendidas a partir da produção sistemática de discursos que criam e validam o perfil dos negros como sendo inferiores.

Buscamos, mais uma vez, nas palavras de Sandra Pesavento uma importante análise que nos permite compreender o período e o personagem central dessa história, o negro:

A cidade que se estrutura e constrói não o faz somente pela materialidade de suas construções e pela execução dos serviços públicos, intervindo no espaço. Há um processo concomitante de construção de personagens, com estereotipia fixada por imagens e palavras que lhes dá sentido preciso. Os chamados indesejáveis, perigosos, turbulentos, marginais, ou, pelo contrário, podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre ele se silencia e nega a presença. Esses excluídos, não cidadãos, formam os selvagens, ou bárbaros de dentro. (PESAVENTO, 2001, p. 12)

Como na passagem do século não é mais possível manter os negros enclausurados no perfil de escravos, mesmo que levemente, o objetivo passa a ser classificá-los, estigmatizá-los e, quando possível, excluí-los utilizando outras ferramentas. Para isso, nenhum lugar serviu tanto a esse propósito quanto os periódicos publicados pelas elites brancas das capitais. Em alguns, o número de reportagens que buscavam colocar os negros no seu “devido lugar” beiravam a totalidade. Noutros, a ausência, quase que completa, de reportagens que apresentassem

de forma positiva a comunidade negra, ou mesmo colocasse suas ações sobre uma perspectiva positiva, era quase nula. Salvo, é claro, os periódicos próprios da comunidade negra, era muito difícil encontrar reportagens que dignificassem a população de cor.

A agressividade dirigida aos negros era um tema recorrente em periódicos das capitais pesquisadas. Tal fato deixava claro que, apesar da abolição, os lugares e ações sociais continuavam sendo estigmatizados. Em Porto Alegre, o periódico *O Exemplo*², fez inúmeras denúncias dessas circunstâncias. Vejamos uma interessante:

O acontecimento se deu em 23 de julho de 1904, quando O Sr. Manuel Bento Rodrigues, negro, proprietário e negociante, residente à Rua conselheiro Travassos, foi a Intendência Municipal pagar os impostos referentes à casa de que era proprietário à Rua do Parque. Ao receber o pagamento, o tesoureiro da intendência, o Sr. Castilho Maia, verificou que uma das cédulas era falsa e, de imediato, levou o Sr. Bento Rodrigues a polícia judiciária sob a acusação de que era um “passador de moeda falsa”.

Sobre o episódio, a matéria do *O Exemplo*, traz indicações importantes. Primeiro, Bento Rodrigues era um comerciantes estabelecido e donos de moradias. Assim, não apresentava nenhuma motivação financeira para agir na ilegalidade portando apenas uma cédula, dentre tantas outras, falsa. Segundo, a acusação de Castilho Maia de que **o negro não podia ser senão um passador de moeda falsa** é, claramente, uma visão racista sobre o homem de cor. E, por fim, o texto termina com uma questão emblemática sobre a época: “bem desejaríamos saber se o procedimento do escrupuloso funcionário seria intangível em se tratasse de um negociante qualquer como Bento Rodrigues, reconhecidamente honesto, porém, de cor branca”.³

² O Jornal *O Exemplo* foi criado em 5 de Outubro de 1902. Desde início se intitulou como um verdadeiro defensor do povo. Uma característica importante sobre o jornal é que ele era feito pela comunidade negra. No entanto, não foi possível identificar se haviam homens brancos na direção do Jornal, bem como entre os seus colonistas, o que me parece pouco provável.

³ Biblioteca Nacional (BN). Jornal *O Exemplo*, Porto Alegre – 24 de Julho de 1904, Ano II, Número 24,

Não encontramos resposta sobre o questionamento. Mas, no mesmo jornal, obtivemos outra importante indicação de como os jornais comumente tratavam as pessoas de cor. Candinho, responsável pela matéria, detalha o processo que tanto lhe incomoda nos periódicos de Porto Alegre. Vejamos alguns trechos da longa reportagem:

Ora, se a boa educação cabe em toda parte, como diz o ditado, não cabe com certeza nas colunas dos jornais que se apresentam como o painel onde se reflete o trato polido de quem se arroga ter o critério preciso para julgar que pela cor da pele não se pode avaliar nem classificar as qualidades dos indivíduos; pois parece que há a velada intenção de nos enxovalhar por termos escapado das garras ferozes do sanhudo cativo que, pelo martírio, glorificou aos nossos avós.

Não me venham dizer que, com isto fomento o ódio de raças: alto lá! Se não me desculpa lançar mão dessas *frivolidades* para provar que sou igual *as outras pessoas*; porque não censurar esses senhores redatores que são todos *cheios de nós pelas costas*, que trabalham ao lado de rapazes nossos símiles, que não se encarapinham por *dá cá aquela palha*, por que sabem o quanto valem; porque não censurar esses senhores redatores, quando, sendo o nosso idioma tão rico de adjetivos para definir os sentimentos pessoais, alimentam no entretanto o preconceito de cores com este estilo rústico:

O crioulo Manoel Carneiro dos Santos, aproveitando-se da ocasião em que Gregório Jorge, proprietário da casa de fazendas e miudezas, sita à Rua Voluntários da Pátria n. 193, achava-se no interior do prédio, penetrou em seu estabelecimento e furtou um par de calças. O larápio foi preso em flagrante pelo agente n. 75 que o levou ao posto de onde o major Louzada enviou ao coronel João Leite.

Porque desde o começo da notícia, não disseram o larápio Manoel Carneiro?... Para saber-se da cor do indivíduo que cometeu a má ação? Não, porque no mesmo número do jornal, em fato idêntico, vinha a seguinte notícia, onde não se fica sabendo a cor dos larápios:

Se crioulo quer dizer de cor preta, só há, para nós, uma vantagem nesta seleção, e é esta: saber-se pela cor da pele a tendência dos indivíduos para o crime; pois enquanto na primeira notícia se vê um crioulo, se conta na segunda dois ladrões incolores!

Estão tão convencidos que o homem de cor só é *gente*, quando é *negro* de *estimação* que no mesmo número do jornal de que cortamos as citadas notícias, encontramos esta outra:

Completo, ontem, 30 anos de bons serviços de empregado do ministério da fazenda o nosso amigo capitão Manoel Luiz de Magalhães, 1º escriturário da delegacia fiscal. Durante este longo tempo, o capital Magalhães que galgou brilhantes posições pela sua atividades inteligente e máximo zelo pelos serviços públicos, nem sequer tivera uma irregularidade que

viesses nodar a sua fé de ofício.

Vamos lá!... Porque não disseram: <<... o nosso amigo o capitão mulato Manoel Luiz de Magalhães?...>>

- Oh! Oh! Oh! Isto não: o capitão Magalhães é nosso amigo, além disto, é um homem conhecido, responder-me-ão gaguejando, com os olhos muito arregalados pela ideia do profundo ridículo em que cairiam com semelhante disparate.

De maneira que se não fosse amigo e não tivesse uma posição saliente, não seria um homem e sim um mulato!

Ora, há de concordar, senhor noticiário, que é muito convencional a urbanidade estilística que dispensa a um público que reúne em si todas as cores. Tem as blandícias do gato a vossa consideração a nós outros.

Mas enfim, esta tergiversação, *não é por mal*, está-lhe na massa do sangue, corre-lhe pelas veias o sangue liberticida de seus pais, e portanto como eles, entende a seu bel prazer de dar ou tirar os foros de gente, conforme a corrente de simpatia que lhe prenda a este ou àquele indivíduo de cor preta ou parda. Porém eu sou quem implica com isso, porque bem se poderia dizer sem *pisar* a ninguém: o larápio Manoel de cor preta e os larápios Henriques de cor branca.

Digam, embora, que estou enciumado, não contesto: pois dói na alma ver-se esta *crioulada*, no estilo delicado do *Correio*, procurar pressurosa um jornal que dá a entender que não pertencemos ao gênero humano; e esse amor só tem parêntese na da *china* <<enrabichada>> que quanto mais apanha do seu <<home>>, mais carinhos tem para ele.

Por tudo isso é que eu implico.

Candido.

Filho mais velho da Candinha.⁴

Caro leitor, apesar de longa, a transcrição da reportagem se mostrou imperiosa, pois revela à imagem dos negros encontrada nos jornais de Porto Alegre, que, de certa forma, é compartilhada pelos principais jornais da outra capital, Salvador. Como apontamos anteriormente, apesar da liberdade, a figura da população de cor continua apresentando sinais evidentes de classificações pejorativas.

O Correio do Povo, citado na transcrição, é um Jornal de Grande Circulação de Porto Alegre. Esse periódico é visto pelos integrantes do *O Exemplo* (jornal produzido pela população negra) como imparcial nas questões políticas, mas, quando trata de “descendentes de africanos que tenha cor, já o correio deixa de ser neutro: não trata

⁴ Jornal *O Exemplo*, Porto Alegre – 31 de Julho de 1904, Ano II, Número 25, página 1 e 2, Título – Implicância – Assinada por Antônio Cândido. (BN)

mais como as outras pessoas! Tem cor... não é gente, não pode ser – o individuo desordeiro, é sim – o crioulo desordeiro. Que saudades têm eles do cativoiro!”.⁵

Devemos lembrar agora da mencionada ausência de reportagens do cenário esportivo em Porto Alegre. Buscando entender essa omissão achamos que as considerações vistas no periódico *O Exemplo* dão conta de explicá-la. Na verdade, como dito anteriormente o não dito faz parte de um processo claro de proscricão.

Uma questão importante que devemos retomar agora é o debate acerca da aproximação entre abolição e República. Numa leitura apressada, podem parecer que estão intimamente ligados: a abolição e a Proclamação da República. De imediato devemos deixar claro que a Abolição não é resultado de um esforço republicano, pelo menos, não somente.

Devemos romper com a ideia de que a abolição foi um movimento liderado pela oposição a monarquia, visto que muitos monarquistas foram grandes abolicionistas. O próprio imperador, Pedro II, nunca foi um incentivador do sistema escravocrata. Muitas vezes se manteve neutro no debate para não fragilizar a sua posição diante dos grupos que disputavam o poder. Óbvio que a neutralidade foi uma posição que em nada ajudou a população negra. Entretanto, não podemos colocar o sistema escravista como sendo algo inerente ao sistema político monárquico, até porque, foi no império, com a participação direta de monarquistas importantes, que o sistema se desfez. Ademais, alguns republicanos eram a favor da escravidão, especialmente aqueles que estavam envolvidos com o trabalho escravo em suas plantações. Também, neste caso, não era uma unanimidade. Enfim, a trama política era bem complexa e, sobretudo, não nos permite aproximações tão simplistas.

Léo Prado, colunista do *Correio do Povo* (Porto Alegre), escreveu sobre essa

⁵ Jornal *O Exemplo*, Porto Alegre – 20 de Novembro de 1904, Ano II, Número 41, página 2, Título – Revista Correccional – Assinada por O inspetor, sem quadro. (BN)

questão que:

[...] Em verdade, e em que pese às idéias em voga, o 13 de Maio não se prende ao 15 de Novembro por outros elos mais fortes e atraentes que os que prendem e arrastam os acontecimentos em sua cadeia geral.

Erro crasso, porém, é confundir em um mesmo elo os dois acontecimentos, de prodomos, de sequência e de solução tão diversas que em vários pontos asperamente se repelem e várias vezes duramente se defrontam.

A tão só palavra de *liberdade* não basta para unir e caldear, em uma e a mesma, conquistas tão dissemelhantes.

Para muitos, as chamadas liberdades políticas, isto é, as liberdades coletivas, as liberdades públicas, podem se harmonizar e coexistir com diversas formas de governo; ao passo que a liberdade individual, a liberdade por assim dizer restrita, que independe um ser de outro ser, esta não se coaduna absolutamente com a escravidão sobre qualquer rótulo que esta se queira dissimular. Um cidadão pode ser livre mesmo sob uma autocracia; o escravo é que não o pode ser, mesmo sob a mais licenciosa república [...]

Mas, e é o principal: essas propagandas para os dois escopos, sempre se fizeram em separado, sempre se mostraram divergentes, às vezes se hostilizando até, e não raro buscando os seus fins com detrimento dos fins da outra.

Não inventamos, nem estamos declamando em vão: ainda está na memória, ainda se conserva no conhecimento de todos que o centro de onde se irradiava a propaganda republicana era S. Paulo, que, ao mesmo tempo, era o mais temeroso baluarte do escravagismo.

De forma, que se chega a esta conclusão iniludível: a propaganda abolicionista não foi concomitante com a republicana – antes, cada uma seguiu o curso natural das suas idéias; os propagandistas das diferentes causas, não foram sempre os mesmos, amigos e auxiliares – antes, mais de uma vez, em mais de um lugar se encontraram extremados e enfrentados: logo, os intuitos e os fatores da campanha não podendo ser idênticos e o seu resultado só acidentalmente coincidindo, não se pode, em boa fé, atribuir à glória de uma os esforços em prol de outra das causas....

Léo Prado⁶

Mais uma vez, não podemos desprezar a longa reportagem. Nela, conseguimos a confirmação de dois aspectos importantes. Primeiro, que não podemos relacionar de forma direta República e abolição, tampouco Monarquia e escravidão. Nesse caso, seria simplista e estaríamos cometendo um reducionismo perigoso sobre um momento

⁶ Jornal Correio do Povo, Porto Alegre – 20 de Maio de 1906, Coluna: Semanário. Página 02 – Assinada por Léo Prado. (BN).

histórico tão complexo. O segundo aspecto é que, já naquela época, especialmente por parte dos letrados, já havia a compreensão desse panorama. Havia um cenário muito intrincado, tanto político quanto social, que estava na ordem do dia e frequentava constantemente os debates jornalísticos, políticos e sociais da época.

Sob esse cenário de grande complexidade e, sobretudo, mantendo o foco na necessidade de entender as experiências da comunidade negra na passagem do século XIX para o XX, escolhemos debater a data mais emblemática nesse debate, o dia 13 de maio.

Essa data, com todo o seu simbolismo e, fundamentalmente, apesar de todas as comemorações que ao longo do século XX marcaram o novo posicionamento do negro na sociedade, não subverteu de forma absoluta a imagem dos homens de cor perante a sociedade em geral. As agressões continuaram e, fundamentalmente, o processo de exclusão, de certa forma, recrudescer, já que assumimos perigosamente sermos um país sem preconceitos. Nesse aspecto, temos que atentar para um fator determinante para uma pesquisa histórica, que é a necessidade de analisar criticamente as fontes, bem como tentar diversificar ao máximo possível as origens das mesmas, buscando com isso não a verdade absoluta, mas, sobretudo, o maior grau de verossimilhança possível.

Lançado esse olhar, percebemos que se debruçássemos apenas sobre os jornais de grande circulação⁷, de 1888 a 1912, chegaríamos à conclusão de que a abolição foi à consagração e o triunfo da população de cor no país e, principalmente, a partir daquela data os negros se tornariam cidadãos equivalente aos brancos. Vejamos alguns exemplos: no dia 15 de maio de 1888, ainda no calor da emoção, o Correio Paulistano

⁷ Os jornais de grande circulação pesquisados foram: Correio do Povo (Porto Alegre), Correio Paulista (São Paulo), Jornal do Comércio (Rio de Janeiro) e Diário da Bahia (Salvador). Foram pesquisados todos os exemplares do mês de maio de 1888 a 1912. O mês foi escolhido propositadamente por ser comemorativo da Abolição. Desse modo, com o aumento do número de reportagens que tratavam sobre tema conseguimos construir um olhar mais adequado sobre o discurso e as limitações que poderiam nos levar esses periódicos. Todos disponíveis na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro).

publica que “as lágrimas que correram foram lágrimas de bênçãos e redenção, a orvalharem a mão augusta que acaba de abrir de par em par as portas da posteridade, ao lavar o decreto que declara que no Brasil só há homens **livre e iguais**”⁸.

No Rio de Janeiro não foi diferente, desde as primeiras horas do dia 14 de maio de 1888 notava-se uma extraordinária animação. Prédios enfeitados, bandas de música tocavam pela Rua do Ouvidor, sociedades abolicionistas se reuniram com seus estandartes para comemorar. Todos se dirigiram para o senado entre entusiasmados vivas. E, assim, após a aprovação definitiva do projeto pelo senado a festa foi geral. Grosso modo, essa é a descrição da atmosfera do dia da abolição na capital federal vista a partir dos “grandes” jornais.

Possivelmente até o mais severo dos críticos que estivesse passando pelas ruas da capital se envolveria com as comemorações. Em Salvador, no mesmo dia, o *Diário da Bahia* publica que “o país inteiro colherá, não em época muito afastada, os serviços dos novos cidadãos; e longe de lamentar o aniquilamento de uma instituição maldita, sentirá apenas não tê-la extinguindo há mais tempo”.

Ano a ano os jornais faziam referências elogiosas ao grande evento que se tornou a abolição. Nesse sentido, o dia treze de maio acabou se tornando um símbolo do processo que aparentemente igualava negros e brancos. Pelo menos assim queriam registrar e fazer crível alguns dos principais jornais das capitais pesquisadas. Em 1908, no vigésimo aniversário da abolição, O *Correio do povo*, de Porto Alegre, continuava afirmando ser “indizível a satisfação que rememorarmos esta **data, que representa o igualamento de todos os filhos desta pátria**”.⁹

Para conseguirmos avançar sobre a perspectiva apresentada por essas grandes

⁸ Correio Paulistano, São Paulo, 15 de Maio de 1888. Ano XXXIV, Número 9.511. BN

⁹ BN – Correio do Povo – Ano XIII – Porto Alegre, quarta-feira, 13 de Maio de 1908, Número 110. Matéria não assinada.

publicações nos debruçamos sobre os periódicos produzidos pela população negra¹⁰. Apesar de reduzidos e apresentarem lacunas nos arquivos, eles são determinantes para não obliterarmos bons vestígios sobre como essa parte da população foi tratada no pós-escravidão. Assim, depois de verificarmos como se desenvolveu a “participação” dos negros no futebol das duas cidades, teremos um panorama da sociedade mais amplo para análise que, conseqüentemente, tornará mais inteligível e compreensível o processo de exclusão no esporte exposto acima.

Se a expectativa com a abolição era tornar o negro um cidadão e, em última análise, torná-lo um igual, podemos concluir que o processo não alcançou o seu objetivo, uma vez que o negro virou um *fulano de tal*. Ou seja, bastava “ser de cor” que a palavra crioulo, preto ou mulato antecedia o nome do indivíduo e, com isso, sua identidade, suas qualidades ou deméritos, passavam a carregar um peso discriminatório rotulado na cor.

Folheando os jornais da época a comprovação fica fácil de ser aferida. No dia 01 de agosto de 1904, o Sr. Honório da Silva, morador de Porto Alegre, teve sua casa roubada por Henrique de tal e Henrique Hamann. O branco, vítima ou culpado, é da Silva, é Hamann. O Preto, da mesma forma, era um fulano de tal.

Sobre esse cenário, Esperidião Calisto, colunista do *O Exemplo*, de Porto Alegre, reclama do esforço dos jornalistas do *Correio do Povo* em inferiorizar a população negra. Diz ele: “esbofem-se como quiserem os troões do jornalismo para nos colocar em plano inferior na linha dos combatentes da humanidade, contra isto protesta a energia hercúlea do caráter do homem de cor na luta pela vida”.¹¹

¹⁰ Vale uma ressalva sobre esse aspecto. Quando afirmamos sobre a produção de periódicos produzidos pela população negra fazemos, conscientemente, certa generalização do grupo. Afinal, os negros que efetivamente produziram essas ferramentas de comunicação foram os negros letrados e não a grande massa da população negra das cidades (o analfabetismo era maciço nesse grupo). No entanto, esses periódicos são fundamentais por nos apresentarem o contraditório dos jornais produzidos pelos Brancos. Neles conseguimos alcançar a voz do homem de cor e, com isso, ampliar as nossas perspectivas de análises.

¹¹ BN –Jornal *O Exemplo* - Porto Alegre – 28 de Setembro, Ano II, número 33, página 03. Coluna: 28 de

As palavras de Baptista Homem, um dos colaboradores da coluna *28 de setembro* do mesmo jornal, são ainda mais claras acerca da conjuntura em que eles estão inseridos:

Dentro da mais sã e mais verdadeira das filosofias – a que nasce da observação e compreensão exata das necessidades sociais – a lei que se impunha como inadiável era não a da emancipação de escravos, porém a da abolição dos cativos, mas infelizmente ainda naquele tempo, como hoje, não era dado a todos ascender a certo grau de superioridades moral que os fizesse capazes de alienarem-se de interesses para aquilatar princípios da liga de pureza com que somente eles poderiam ser quotados intrínsecos.¹²

No entanto, não somente as palavras atingiam a população negra. Em alguns casos a violência física foi a ferramenta utilizada para colocar o preto no seu “devido lugar”. Segundo S. Pereira relatou, em 27 de novembro de 1904, uma senhora de cor preta, tendo comprado ingressos para se divertir no Carrossel do Teatro Parque (P.Alegre), foi impedida de tomar assento em uma das cadeiras por um grupo de indivíduos que arremessava-lhe, sobre gritos de *fora negra*, terra e pedras.¹³

Um motivo leva S. Pereira, apesar da brutalidade, a não achar estranho o episódio. O reconhecimento, por parte do autor, de que os indivíduos responsáveis pelas agressões seriam ignorantes e que, fundamentalmente, num país em que um Presidente da República, “o Sr. Campos Salles, que indo retribuir uma visita da presidente da República Argentina, determina que da tripulação da esquadra que o acompanhasse, não fizesse parte marinheiros pretos” não deveria se assustar com causos como esses. De certa forma, aos olhos de Pereira, o fato é até compreensível.

As agressões feitas às pessoas de cor chamam a atenção em 1904. As críticas

Setembro. Escrito por Espiridião Calisto.

¹² BN –Jornal *O Exemplo* - Porto Alegre – 28 de Setembro, Ano II, número 33, página 03. Coluna: 28 de Setembro. Escrito por Baptista Homem..

¹³ BN –Jornal *O Exemplo* – Porto Alegre – Ano II – 27 de novembro de 1904, Número 42. Página 01 Matéria assinada por S. Pereira.

declaram que esses fatos pretendem dar conta daquilo que o cativo não conseguiu: o arrasamento do “preto”. Com esse cenário, as distinções ficam cada vez mais claras e, sobretudo, acabam norteando a forma como o Estado intervinha diante de situações como essa. Os traços comuns daqueles episódios foram às vítimas, majoritariamente negras, serem retiradas do local por policiais ou guardas enquanto os agressores nem sequer eram advertidos. Havia, por parte dos agentes do Estado, uma forte complacência quando a vítima era negra.¹⁴

Esses casos evidenciam dois aspectos importantes para o nosso trabalho. O Primeiro trata da perspectiva, em grande medida, falaciosa da solução do “caso negro” a partir do treze de maio, especialmente os discursos expressos nos jornais de grande circulação das capitais. Concluímos que parte da sociedade continuava compreendendo o negro como um ser menor e que, por isso, poderia continuar sendo alvo das agressões. Na verdade, achamos que houve recrudescimento desses fatos causados, sobretudo, pela participação mais efetiva e diversificada da população de cor em esferas e lugares que até então não eram alcançados.

O segundo aspecto trata da necessária interlocução do cenário social com o cenário esportivo para tornar inteligível o grande painel da sociedade. É difícil acreditar que diante de uma vista tão agressiva e excludente o esporte e todas as suas instituições estivessem imunes a esse sistema nefasto (visto na primeira parte deste capítulo). Mais do que isso, acreditamos que somente através de um panorama geral se torna possível compreender os desdobramentos do cenário esportivo.

Durante muito tempo o discurso “oficial” sobre a abolição (expresso, em larga escala, nos jornais das capitais) e, fundamentalmente, as poucas investidas em fontes produzidas pela população negra (neste caso me refiro aos trabalhos produzidos sobre a

¹⁴ Em 1904, o Jornal *O Exemplo* traz inúmeras reportagens que mostram a agressão aos negros, bem como a ação do Estado diante dos fatos. O material está disponível na BN e se refere, em especial, aos meses de Julho a Dezembro daquele ano.

história do futebol) serviram como base para o que eixo interpretativo, acerca da agressividade aos negros, se deslocasse do racismo para uma questão meramente econômica. No entanto, como revela um editorial de 1904, “muitas vezes não basta subtrair a causa do mal (*escravidão*) para ter feito um bem, porque os efeitos da remoção dessa coisa são, também muitas vezes, origem de muitos e mais terríveis males”¹⁵ (grifo nosso). Ou seja, o racismo, e todas as questões que circundavam as questões da raça, estavam em plena articulação, produzindo tensões e gerando novos inconvenientes para os homens de cor. Algumas vezes, este cenário se mostrou tão, ou mais, severo quanto o período anterior.

A preocupação por parte da população negra acerca do seu presente e, em especial, do seu futuro é visível e revelador do real quadro em que estão inseridos.

Vejamos uma interessante matéria sobre a educação dos negros em Porto Alegre:

[...] O objeto do nosso artigo é outro muito diverso: é o dizer que aqui, neste solo rio-grandense, onde tudo é grande, onde tudo é fértil, onde tudo floresce, onde as artes, a indústria e o comércio à sombra benéfica de leis liberais tanto vulto vão tomando, aqui também há caracteres pequeninos, esterilizadores das vocações, estioladores dos talentos, que entendem que a arte é monopólio de determinado indivíduos e que deve ser inacessível a outros, aqui também está entronado “o maior dos bandidos, o mais vil dos assassinos das classes inferiores”, o mais audaz, o mais cínico dos canalhas – o preconceito de cores – esse verme pestilento, essa torpeza que penetrou em algumas aulas do Estado.

Não há aí pessoa do povo, desse povo que tudo sofre desde a humilhação ao martírio com resignação cristã, que não saiba a maneira porque são tratadas em muitas de nossas aulas, principalmente no interior, as crianças de cor preta; o mal começa no descaso dos professores e termina nos maus tratos que lhes são infringidos pelos discípulos.

Aqui, nas aulas públicas, as crianças de cor preta, são uma espécie de boneca de lustrador que somente vão à escola para polir os bancos: os professores nada ensinam aos negrinhos e aproveitam-nos muito bem como seu criadinho: os alunos de cor preta é quem vai ao armazém fazer compras do professor, ao correio buscar e levar a correspondência.

Conheci uma senhora, professora de Caçapava que votava tal ojeriza às crianças de cor preta que, quando iam matricular em sua aula uma criança que não fosse branca, era tal a raiva que

¹⁵ BN – Porto Alegre – Editorial: Nós e os nossos. 04 de dezembro de 1904.

dela se apoderava que não poucas vezes teve acessos histéricos; outras ocasiões, dando expansão a sua cólera em torrentes de palavras, vociferava furiosa: - Onde se viu negro na escola! Negro só serve para cozinha!... E eu criada, tendo necessidade de fazer certos serviços da casa que não estão de acordo com a minha posição! Pode-se suportar que as negrinhas venham para a escola vez de alugarem em casa das famílias que como eu estão precisando de quem as sirva?! Está aí para que serviu o tal 13 de maio!

E isso se vê mais ou menos aperfeiçoado, por toda parte e por toda parte também são nossas crianças as vítimas dos maiores vexames e sofrimentos, consequência da culpa de seus próprios pais que se não sabem infelizmente ainda fazer valer no seio da sociedade, que abandonam ou não dispensam o necessário carinho aqueles que como *O Exemplo*, defendem a sua causa e o seu direito, para lerem de preferência o jornal que cotidianamente o chame de negro ladrão e sem vergonha!

Rio Pardo
Lindolpho Ramos¹⁶

A longa reportagem apresenta uma visão geral sobre a “educação” dispensada às crianças negras e, sobretudo, critica a passividade, ou inércia, de parte da população adulta deste grupo por “não” agir diante dos problemas e, acima de tudo, por não privilegiar o material e as diretrizes produzidas por seus pares mais informados¹⁷.

Sobre essa análise temos que observar com atenção alguns indícios. Primeiro, havia por parte dos negros letrados que produziam esse tipo de material uma visão quase que messiânica acerca do papel que eles desempenhavam dentro do seu grupo. Segundo, qualquer ação que não convergisse para o caminho que eles apontavam

¹⁶ BN – Porto Alegre – Editorial: As aulas públicas. 18 de dezembro de 1904.

¹⁷ As pesquisas demonstram que a deficiente educação dispensada aos negros é sintomática no País. Em São Paulo, em 1928, continuamos encontrando matérias que fazem críticas ao abandono dos negros sobre esse aspecto. Na primeira edição do jornal paulista *O Progresso*, de 23 de junho de 1928, em matéria intitulada “Os homens de preto e a instrução”, verificamos um apelo para que o país melhore a educação dos negros. Concluimos com isso que o problema mostrado na reportagem anterior (nota 28) perdurou ainda por muito tempo e, fundamentalmente, não era uma exclusividade de Porto Alegre. As pesquisas também demonstram que a discriminação ocorria em todos os níveis. No ano de 1929, um médico paulista, por ser negro, sofreu discriminação por parte de seus colegas médicos em cursos no exterior (França e Alemanha) (matéria encontrada em: *Jornal O Progresso*, São Paulo, 24 de Fevereiro de 1929, Ano 2, Número 9, Página 01. Título: O preconceito de cor, não tem razão de existir entre homens de ciência). Em alguns círculos acadêmicos de São Paulo diziam que um Professor de Direito (apenas relatado na matéria como Cabral) anunciava como princípio que “Negro não pode ser bacharel” e reprovava todos os pretos que lhe caíam na aula. (matéria: *Jornal O Progresso*, São Paulo, 13 de Janeiro de 1929, Ano 2, Número 8, página 1. Título: Preconceito de cor)

deveria ser duramente criticada. Por fim, parece que havia uma unanimidade entre os grupos de que para avançarem de forma substancial na sociedade eles deveriam fortalecer os movimentos e instituições negras. Diante do quadro geral em que estão inseridos é compreensível um posicionamento como esse, já que a sociedade não apresentava outras alternativas efetivas para o melhoramento socioeconômico do grupo.

Ao contrário, as cidades se estruturavam e, cada vez mais, a população negra era empurrada para fora dela. Sobre isso vamos nos debruçar mais densamente no próximo capítulo. Buscamos, por hora, fechar um quadro panorâmico da situação da população negra nas duas cidades escolhidas para esse trabalho. Importante ressaltar, aqui, que nesta parte do trabalho houve uma preocupação clara em apresentar, fundamentalmente, as fontes produzidas na cidade de Porto Alegre. Essa atitude visou alcançar dois objetivos: primeiro, Porquanto as escassas fontes sobre a presença do negro no futebol de Porto Alegre nos primeiros anos de seu desenvolvimento, buscamos captar com mais clareza qual era o grande painel em que os negros daquela cidade estavam inseridos. Com isso, para além de suprir uma carência objetiva de fontes relacionadas ao futebol, tentamos demonstrar ser possível fazer uma leitura do cenário esportivo seguindo outros indícios.

Sobre isso, se torna representativo apresentarmos os poucos vestígios da formação, em Porto Alegre, da Liga Nacional de *Football* Porto-Alegrense. Conhecida como a Liga da Canela Preta, essa Liga foi formada para atender clubes e jogadores, notadamente negros, que não conseguiam ingressar na “liga dos brancos”. A ausência de fonte sobre a Liga não nos permite avançarmos sobre essa história¹⁸. No entanto, a

¹⁸ No Livro: Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre (SANTOS, 2005), Jones Lopes da Silva em um capítulo intitulado *A Canela Preta*, diz que a criação da Liga ocorreu em 1910. No entanto, encontramos em Futebol de Campo de Porto Alegre, dos autores Vinicius Machado e Carolina Buchmann (disponível em: <http://www.cref2rs.org.br/atlas/cd/texto/Futebol%20de%20Campo%20em%20Porto%20Alegre-RS.pdf>) e no anuário da Associação Esportiva de Porto Alegre o ano de 1915 como sendo o ponto de partida da Liga. Essa inconsistência na data de criação da Liga demonstra de maneira bem objetiva a dificuldade de encontrarmos fontes sobre as ações e instituições da comunidade negra.

partir da certeza da sua constituição, mesmo sem sabermos a data precisa da criação, podemos balizar dois pontos importantes. Como primeiro, sugerimos que já havia antes da década de 10 um futebol praticado pelas camadas populares e, em especial, pelos negros em Porto Alegre, posto que a formação de uma liga esportiva sugere, em qualquer esfera, uma organização prévia de equipes ou mesmo clubes. No segundo ponto apostamos que, numa experiência ainda mais radical do que a vivenciada em Salvador, em Porto Alegre a cobertura jornalística sobre o futebol fora do grande circuito dos clubes da elite, pelo menos no recorte temporal estudado, foi de completo banimento as experiências negras.

Ou seja, mesmo que em Salvador as reportagens sobre o futebol das camadas populares, marcado pela presença de negros, fossem quase sempre depreciativas, conseguimos através daquele material reunir vestígios que nos ajudasse a contar o futebol fora do eixo das elites. Em Porto Alegre, tal fato não foi possível visto o grau elevadíssimo de exclusão das experiências esportivas dos negros.

O segundo objetivo, que será apresentado mais detalhadamente na última parte desta tese, está na importância de comprovarmos a forma agressiva com que a “cidade” de Porto Alegre tratou a comunidade negra à época. Desse modo, procuramos, mesmo que as fontes jornalísticas esportivas possam vir a deixar dúvidas, demonstrar que numa cidade em que os negros foram “exilados” geograficamente não seria possível pensar em um cenário esportivo democrático, ou pelo menos pleno para todos os grupos sociais.

Referências

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*, Rio de Janeiro. MAUAD, 2002.

ASSAF, Roberto. *Bangu: bairro operário, estação do futebol e do samba*. Rio de Janeiro. Ed. Relume Dumará, 2001.

AZEVEDO, Thales de. *Povoamento da cidade de Salvador*. Bahia: editora Itapuã. 1969.

_____. *As Leites de Cor*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1955.

BACELAR, Jeferson. *A Hierarquia das Raças: Negros e Brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BAHIENSE DA SILVA, Carlos Leonardo . Sobre o negro no futebol brasileiro, de Mário Filho. In: Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Santos, Ricardo Pinto dos. (Org.). *Memória social dos esportes: a construção de uma identidade nacional*. 1ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, v. 2, p. 9-398.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. 2 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BASILE, Marcelo Otávio N. de. Consolidação e crise do Império IN: LINHARES, Maria Yeda. *História Geral do Brasil* - 10 ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2000

BASTIDE, Roger. *Brasil Terra de Contrastes*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 3 ed. 1969.

_____. *As Américas Negras: as civilizações africanas no novo mundo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1974.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar* - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CABO, Alvaro V. G. T. P. Um raio-x da Revista do Esporte. In: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Victor Andrade de Melo. (Org.). *O Esporte na Imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. 1 ed. RIO DE JANEIRO: Editora 7 letras, 2012a, v. 1, p. 130-148.

_____. A Imprensa uruguaia e a conquista da Copa de 50. In: Miguel Archanjo Freitas Junior; André Mendes Capraro. (Org.). *Passe de Letra: crônica esportiva e sociedade brasileira*. 1 ed. Ponta Grossa: Vila Velha, 2012b, v. 1, p. 148-169.

- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*: São Paulo, Edusp, 4 ed, 2006.
- CALDAS, Waldenir. *Pontapé Inicial*: memória do futebol brasileiro 1894-1933. São Paulo. IMBRASA, 1990
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Os métodos da História* – Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983, 3 edição, cap 8.
- CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados*. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo. Ed. Companhia das Letras. 1987. p.16
- CERUTTI, Carlos H. *Conversando sobre futebol*. Buenos Aires: Rundi Nuskin editor, 1992.
- CORREA, Floriano P. *Grandezas e misérias do nosso futebol*, Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1933, p.21.
- COSTA, Emilia Viotti. *Da Monarquia à República. Momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1999.
- COSTA PINTO, L. A. *Desenvolvimento econômico e transição social*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2 ed. 1970.
- _____. *Sociologia e Desenvolvimento: temas e problemas do nosso tempo*. Rio de Janeiro. 6 ed. 1975.
- CARVALHO, José Murilo. *A construção Nacional 1830-1889*, volume 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- CUNHA, Loris Baena. *A verdadeira História do Futebol Brasileiro*. Porto Alegre: editora ABRADE.
- CUNHA, Manuela Carneiro. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. – 2 ed. rev. ampl. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DAMO, Arlei. Bons Para Torcer, Bons para se Pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. *Motus Corporis* (UGF), Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-48, 1998.
- _____. Paixão partilhada e participativa - o caso do futebol. *História. Questões e Debates*, v. 57, p. 45-72, 2012.
- _____. Produção e consumo de megaeventos esportivos - apontamentos em perspectiva antropológica. *Comunicação, Mídia e Consumo* (São Paulo. Impresso), v. 8, p. 67-92, 2011.
- _____. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. *Razón y Palabra*, v. 69, p. 1-25, 2009.
- _____. Da paixão pela etnologia à etnologia das paixões contemporâneas. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, p. 233-236, 2008.

- _____. Senso de jogo. *Esporte e Sociedade*, v. 1, n.1, p. 1-36, 2005.
- _____. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento* (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 9, n.2, p. 129-156, 2003.
- _____. Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil. *Verso & Reverso: Revista do Centro de Ciências da Comunicação*, São Leopoldo, v. 34, p. 79-88, 2002.
- _____. Futebol e Estética. *Perspectivas* (São Paulo), São Paulo, v. 15, n.3, p. 82-91, 2001.
- _____. Ah! Eu Sou Gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 13, n.23, p. 87-118, 1999.
- _____. *Futebol e Identidade Social*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002. v. 1. 159p.
- DAMO, A.; FERREIRA, B. S. . No tempo das excursões o circuito clubístico porto-alegrense e a reconfiguração de suas fronteiras em meados do século XX. *Revista de História Regional*, v. 17, p. 378-411, 2012.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*, ebook, 2003
- DRESCHER, Seymour. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo* – São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- DRUMOND, Mauricio. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia. Uma Introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997
- ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en le proceso de la civilización*. México, Fondo de Cultura Econômica, 1995.
- ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2000.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do Negro na Sociedade de Classes: volume 1 e 2*. São Paulo: Globo, 2008.
- FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª Ed. Rio de Janeiro. MAUAD, 2003.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª ed rev – São Paulo: Global, 2006.
- _____. *Sobrado e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 15ª ed.- São Paulo: Global, 2004.
- _____. *Ordem e Progresso: Processo de desistegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio*

século de transição escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república. 6º ed. –São Paulo: Global, 2004.

FRIDMAN, Luis Carlos. *Política e Cultura*. Século XXI. Rio de Janeiro. Relume Dumará Ed.. 2002.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre. Ed. L&PM, 1995.

GAY, Peter. *O Cultivo do Ódio*, São Paulo, Companhia da Letras, 1988.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da Festa: a família, etnicidade e projetos num clube social da zona norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIL, Gastón Julián. *Fútbol e identidades locais*. Miño y dávila editores, 1998.

GOMES, Flavio do Santos; CUNHA, Olivia Maria Gomes. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.*

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: volume 4*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A editora , 2004.

HAUPT, Heinz-Gerhard. O lento surgimento de uma história comparada. In. Jean Boutier e Dominique Julia (Org). *Passados recompostos; campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1998.

HELAL, R. ; CABO, Alvaro V. G. T. P. A marca de uma derrota: jornalismo esportivo e a construção do Maracanazo. In: Ronaldo Helal; Hugo Lovisolo; Antônio Jorge Soares. (Org.). *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais*. 1 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, v. , p. 95-114

HELAL, Ronaldo; GORDON Jr, Cesar. Em conjunto (2001) In: HELAL, Ronaldo. SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 51-76.

HELAL, Ronaldo. SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence, Org. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Cristina Buarque de. *Teoria das Elites* –Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KAELBLE, Hartmut. *Die Debatte über Vergleich und Transfer und Was Jetzt*, trad

Álvaro Alfredo Bragança Júnior, 2005.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. *History and Theory* 42: 39-44, Feb 2003. Tradução Maria Elisa da Cunha Bustamante

KULA, Witold. *Problemas y métodos de la historia econômica*, tradução direta do polonês por Melitón Bustamante, Barcelona, Ediciones Península, 1973, p.571.

LIMA, Olímpio de Azevedo. *Sinopse geográfica, histórica e estatística do município de Porto Alegre*. Porto Alegre: Gundlach, 1890. p.27.

LINHARES, Maria Yeda. *História Geral do Brasil* - 10 ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MATOS, Hebe Maria. *Das Cores do silêncio*. Os significados da liberdade no sudeste escravista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MATOSO, Kátia M. de Queiroz. A propósito das cartas de alforri, Bahia 1779-1850, *Anais de História*, FFCL, Assis, vol.4:23-52.

MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia*. Salvador: Hellenicus. 1944.

MAZO, Janice . *As Associações Esportivas em Porto Alegre - RS, 1867-1941*. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005, v. 1, p.87-101.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Ed. Relume Dumará. FAPERJ. 2001;

_____. *Lazer e camadas Populares: Reflexões a Partir da Obras de Edward Palmer Thompson*, 2006.

_____. *Esporte e Lazer: conceitos: uma introdução histórica*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010a.

_____. *Lazer: olhares multidisciplinares*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010b.

_____. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010c.

MELO, Victor Andrade ; DRUMOND, Maurício ; SANT'ANA, L. C. R. . Ginga: alma nacional, expressão universal - representações e aspirações de nacionalidade e pertencimento. In: Victor Andrade de Melo; Maurício Drumond. (Org.). *Esporte e Cinema: noos olhares*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2009.

MERCIO, Roberto. *A historia dos campeonatos cariocas de futebol 1906-1994*. Rio de Janeiro. Ed. FERJ. 1995

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. Da República Velha ao Estado Novo IN: LINHARES, Maria Yeda. *História Geral do Brasil* - 10 ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte. Mazza Edições. 2007.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

NUNES LEAL, Victor. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1975.

PEREIRA, Leonardo Affonso. *Footballmania. Uma História social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra Cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)* – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. *Muito Além do Espaço: por uma história cultural do Urbano*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol 8, n.16, 1995, p.279-290.

RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 6 ed. 1982.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo – São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1997. (coleção cidade aberta)*

ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e futebol*, Editora Perspectiva, 2000.

SAN LORENZO EL LIBRO, *Revista El Gráfico*, Editora Atlantida, 1996.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SANTOS, Ricardo Pinto. *Entre Rivais: Futebol Racismo e Modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*: Rio de Janeiro: Mauad X. 2012.

_____. Tensões na consolidação do futebol nacional. In. MELO, Victor Andrade de e DEL PRIORI, MARY (orgs). *História do Esporte no Brasil – São Paulo: editora UNESP, 2009. Cap. 6.*

_____. Futebol e Racismo no Brasil. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Ano 1-4*. Rio de Janeiro, a 169. 2008

SANTOS, Ricardo Pinto; SILVA, Francisco Carlos Texeira. *Memória Social dos Esportes: Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro. Mauad X. 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

_____. *História do Brasil Nação: 1808-2010 – Crise colonial e independência 1808-1830*. Volume 1/ Coordenação Alberto da Costa e Silva – Rio de Janeiro: objetiva 2012a.

_____. *História do Brasil Nação: 1808-2010 – A Construção Nacional 1830- 1889*. Volume 2/ Coordenação José Murilo de Carvalho – Rio de Janeiro: objetiva 2012b.

_____. *História do Brasil Nação: 1808-2010 – A Construção Nacional 1830- 1889*. Volume 3/ Coordenação Lilia Moritz Schwarcz – Rio de Janeiro: objetiva 2012c.

SEBRELI, Juan José. *La era del fútbol*, Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1998.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SUSSEKIND, Hélio. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro. Ed. Relume-Dumará. 1996

THELM, N; BUSTAMANTE, R.M. da C. Editorial: História Comparada: Olhares Plurais. *PHOINIX* 10:9-30, 2004.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Luis Henrique de. *No país do Futebol – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000*.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

VIANA FILHO, Luiz. *O negro na Bahia*. São Paulo: Martins Editora. 2 ed. 1976

WIEVIORKA, Michel . *Racismo e Modernidade*. Portugal: Bertrand Editora, 1995.

_____. *O racismo, uma introdução*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ANUÁRIOS

Estatística Histórica do Brasil. Série Estatísticas Retrospectivas. Vol 3. Séries Econômicas, Demográficas e Sociais 1550 a 1985. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.

Anuário Estatístico do Brasil 1908-1912. Rio de Janeiro: Diretoria Geral de Estatística. V. 1-3, 1916-1927

Biblioteca do Senado Federal do Brasil. Manifesto da sociedade brasileira contra a escravidão. 1880. Disponível em: < <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/174443/000093707.pdf?sequence=1> >. Acesso do em: 16 dez.2013.

TRABALHOS ACADÊMICOS

Monografia

SANTOS, Henrique Sena dos. *Uma caixinha de surpresas: os primeiros anos do futebol em Salvaor, 1901-1912.*

Dissertação de Mestrado

SILVA, Alexsander Batista e. *Territórios peladeiros da periferia proletária de goiânia: o jogo de bola que subverte o tempo e o espaço.* Dissertação de Mestrado, UFG, 2008.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se...* Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana em Salvador, 1912-1916. Salvador, 1996.

SANTOS, Henrique Sena dos. *Pugnas Renhidas: futebol, cultura e sociedade em Salvador, 1901–1924.* Dissertação de Mestrado. Feira de Santana. UEFS – 2012.

Teses de doutorado

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A rainha destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas.* São Paulo, 2005.

MASCARENHAS, Gilmar. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul.* São Paulo: USP, 2001.

SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial, tese de doutorado na Universidade Gama Filho. Ano de obtenção: 1998. Doutorado em Educação Física (Conceito CAPES 4). Universidade Gama Filho, UGF, Brasil.*

Anexo

FONTES PRIMÁRIAS -PERIÓDICOS PESQUISADOS

Número	Nomes	Origem	Anos
1	<i>Careta</i>	Rio de Janeiro	1921
2	<i>Cidade do Rio</i>	Rio de Janeiro	1888-1902
3	<i>Correio da Manhã</i>	Rio de Janeiro	1901-1909
	<i>Diário de Notícias</i>	Rio de Janeiro	1889-1895
4	<i>Eu Sei Tudo</i>	Rio de Janeiro	1917
5	<i>Fon Fon</i>	Rio de Janeiro	1907-1921
6	<i>Gazeta da Tarde</i>	Rio de Janeiro	1888-1901
7	<i>Gazeta de Notícias</i>	Rio de Janeiro	1889-1911
8	<i>Gazeta dos Sports</i>	Rio de Janeiro	1921
9	<i>Ilustração Brasileira</i>	Rio de Janeiro	1901-1911
10	<i>Jornal do Brasil</i>	Rio de Janeiro	1900-1921
11	<i>Jornal do Commercio</i>	Rio de Janeiro	1888-1912
12	<i>Kosmos</i>	Rio de Janeiro	1904-1909
13	<i>O Malho</i>	Rio de Janeiro	1902-1921
14	<i>A Notícia</i>	Rio de Janeiro	1900
15	<i>O Paiz</i>	Rio de Janeiro	1888-1912
16	<i>Revista Ilustrada</i>	Rio de Janeiro	1921
17	<i>Revista Moderna</i>	Rio de Janeiro	1897-1899
18	<i>Revista da Semana</i>	Rio de Janeiro	1900-1912
19	<i>O Século</i>	Rio de Janeiro	1909
20	<i>Sport Ilustrado</i>	Rio de Janeiro	1921
21	<i>O Alabama: periódico crítico e chistoso</i>	Salvador	1866-1882
22	<i>Almanach literário e de indicações</i>	Salvador	1888-1889
23	<i>O Azorrague: órgão moralizador social</i>	Salvador	1891
24	<i>Brado Federal</i>	Salvador	1890
25	<i>O Cartaz: folha humorística, satírica</i>	Salvador	1890

26	<i>Cidade do Salvador</i>	Salvador	1897-1898
27	<i>Combate</i>	Salvador	1891
28	<i>Correio do Povo: órgão doutrinário</i>	Salvador	1891
29	<i>A Cruzada: crítica, literária e chistosa</i>	Salvador	1889
30	<i>O Diabo: periódico, crítico, chistoso e moralizador</i>	Salvador	1889
31	<i>Diário da Bahia</i>	Salvador	1889-1898
32	<i>Diário de Notícias</i>	Salvador	1876-1912
33	<i>Diário Popular</i>	Salvador	1914
34	<i>Diário do Povo</i>	Salvador	1889
35	<i>O Domingo</i>	Salvador	1889
36	<i>O Encouraçado</i>	Salvador	1889
37	<i>Gazeta de Notícias</i>	Salvador	1912
38	<i>Jornal de Notícias</i>	Salvador	1889-1912
39	<i>A Lanterna</i>	Salvador	1882-1907
40	<i>A Locomotiva: folha ilustrada hebdomadária</i>	Salvador	1888-1889
41	<i>O Meio-Dia</i>	Salvador	1915
42	<i>A Notícia: jornal vespertino, elegante, noticioso e ilustrado</i>	Salvador	1914-1915
43	<i>Pequeno Jornal</i>	Salvador	1890-1893
44	<i>A Palavra</i>	Salvador	1891-1892
45	<i>O Popular: periódico, crítico, noticioso e literário</i>	Salvador	1891
46	<i>Repórter</i>	Salvador	1889
47	<i>República Federal</i>	Salvador	1888-1890
48	<i>A Taça</i>	Salvador	1890
49	<i>O Tio do Diabo: órgão imparcial</i>	Salvador	1891
50	<i>Treze de Maio: órgão moral, literário e chistoso</i>	Salvador	1889
51	<i>A Verdade</i>	Salvador	1890
52	<i>A Voz do Operário: órgão oficial do Partido Operário</i>	Salvador	1891-1896
53	<i>O Alfinete</i>	São Paulo	1918-1921
54	<i>O Archivo Ilustrado</i>	São Paulo	1912
55	<i>Arte = Natureza</i>	São Paulo	1912
56	<i>Auriverde</i>	São Paulo	1928
57	<i>O Baluarte</i>	São Paulo	1904
58	<i>O Bandeirante</i>	São Paulo	1918-

			1919
59	<i>Capital Paulista</i>	São Paulo	1912
60	<i>O Certamem</i>	São Paulo	1912
61	<i>O Clarim</i>	São Paulo	1924-1940
62	<i>Chibata</i>	São Paulo	1932
63	<i>A Chronica</i>	São Paulo	1912
64	<i>Correio Paulistano</i>	São Paulo	1888-1912
65	<i>O Echo</i>	São Paulo	1912
66	<i>Echo Phonografico</i>	São Paulo	1912
67	<i>Elite</i>	São Paulo	1924
68	<i>O Estímulo</i>	São Paulo	1935
69	<i>A Evolução</i>	São Paulo	1933
70	<i>O Fazendeiro</i>	São Paulo	1912
71	<i>Getulino</i>	São Paulo	1923-1926
72	<i>Ilustração Paulista</i>	São Paulo	1912
73	<i>O Imigrante</i>	São Paulo	1912
74	<i>O Kosmos</i>	São Paulo	1922-1925
75	<i>A Liberdade</i>	São Paulo	1919-1920
76	<i>A Lua</i>	São Paulo	1912
77	<i>O Menelick</i>	São Paulo	1915-1916
78	<i>O Patrocínio</i>	São Paulo	1928-1930
79	<i>O Palco Ilustrado</i>	São Paulo	1912
80	<i>La Petit Revue</i>	São Paulo	1912
81	<i>O Pharol</i>	São Paulo	1912
82	<i>Progresso Commercial do Brasil</i>	São Paulo	1928-1931
83	<i>Revista Moderna</i>	São Paulo	1912
84	<i>A Rua</i>	São Paulo	1916
85	<i>A Sentinela</i>	São Paulo	1920
86	<i>Tribuna Negra</i>	São Paulo	1935
87	<i>Vida Moderna</i>	São Paulo	1912
88	<i>Vida Paulista</i>	São Paulo	1912
89	<i>A Voz da Raça</i>	São Paulo	1933-1937
90	<i>O Xauter</i>	São Paulo	1916
91	<i>O Atleta: órgão do Clube Caixeiral Porto-Alegrense</i>	Porto Alegre	1895
92	<i>Correio do Povo</i>	Porto Alegre	1889-1912
93	<i>Dum-Dum: semanário ilustrado</i>	Porto Alegre	1914
94	<i>O Exemplo: Jornal do Povo</i>	Porto Alegre	1902-

			1917
95	<i>A Federação</i>	Porto Alegre	1884-1912
96	<i>Ilustração Sportiva</i>	Porto Alegre	1922
97	<i>O Indiano</i>	Porto Alegre	1909
98	<i>Máscara – Semanário Ilustrado</i>	Porto Alegre	1918-1920
99	<i>O Mimo</i>	Porto Alegre	1909-1910
100	<i>Não Pode: periódico literário e humorístico</i>	Porto Alegre	1908
101	<i>Norte-Sul: mensário literário, artístico, científico e social para todo o Brasil.</i>	Porto Alegre	1919
102	<i>A Notícia</i>	Porto Alegre	1899
103	<i>Occidente: revista de letras, ciências artes e filosofia</i>	Porto Alegre	1906
104	<i>O Paladino: órgão dos funcionários públicos</i>	Porto Alegre	1908-1912
105	<i>O Pau Bate</i>	Porto Alegre	1909
106	<i>Pandemonium: revista literária</i>	Porto Alegre	1908
107	<i>O Popular: notícias, conhecimentos úteis, interesses populares, literatura, humorismo, curiosidades, anúncios, etc.</i>	Porto Alegre	1910
108	<i>Propaganda Rio-Grandense</i>	Porto Alegre	1919
109	<i>O Propagandista: jornal de propaganda comercial</i>	Porto Alegre	1912-1917
110	<i>Revista Moderna – Política, crítica, ciências, economia, finanças, artes e letras</i>	Porto Alegre	1918
111	<i>Sport: semanário esportivo e social ilustrado</i>	Porto Alegre	1918
112	<i>O Veneziano</i>	Porto Alegre	1909
113	<i>Vida Chic: revista de crítica teatral, artes e humorismo</i>	Porto Alegre	1921